

“Não vi o corpo do meu irmão. Disseram-me que seria melhor lembrar-me do Lotan como era em vida”

REPORTAGEM Jovem israelita de 24 anos, que tinha também passaporte português, foi um dos mortos no *Supernova Festival*. O Hamas lançou granadas e disparou para dentro do abrigo onde estavam 40 pessoas. Hila, a irmã mais velha, relata desespero da família no 7 de outubro de 2023.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**, EM RE'IM

Hila Abir mostra o improvisado memorial dedicado ao irmão Lotan no bosque onde se realizou o *Supernova*, um festival de música perto do *kibbutz* Re'im que foi palco do maior dos vários massacres feitos pelo Hamas a 7 de outubro de 2023: 364 mortos só ali, nos campos em volta e na estrada 232, naquele dia transformada em “estrada da morte” para os israelitas em fuga. Na fotografia, Lotan surge de calção de banho, “acho que numa praia do México”, diz a irmã, sublinhando que o jovem de 24 anos, que tinha também nacionalidade portuguesa, “sempre adorou o mar”. Hila faz uns segundos de silêncio junto do memorial, para uma prece, e depois beija a fotografia do irmão.

Pouco antes, junto ao abrigo na estrada 232 onde Lotan foi morto, Hila contara um pouco do que sabia ter acontecido nessa manhã de *shabat* ao irmão, o mais novo de quatro filhos de um empresário da construção e de uma instrutora de ioga e pilates: “Lotan veio ao festival com uma amiga de infância, May Naim. Cresceram juntos quase como irmão e irmã. E deram juntos o último suspiro. Veio com eles outro amigo no carro, Ben Landau, que sobreviveu ao massacre.”

Também morreram outros amigos nesse dia, Guy e Shalev. E prossegue: “Ouvimos sirenes no *moshav* Gan Haim, onde vivemos, o que é raro. Era não só manhã de *shabat*, mas igualmente de *Simchat Torá*. Um dia muito especial em Israel e estávamos a ter um fim de semana muito festivo. Mas



por causa dos *rockets* do Hamas tocaram sirenes por todo o país. Sabemos que eles saíram mais cedo do *Supernova*. O Lotan telefonou ao meu pai às 6.30, a dizer que estava a fazer as malas para voltar para casa. Uma amiga enviou-me um SMS, entretanto, do *kibbutz* Kfar Aza a dizer que havia tiros e que se estava a esconder. Perguntou-me onde estava Lotan e eu respondi que estava no *Supernova*, mas já a regressar. Disse-me para lhe dizer para irem antes para Netivot. Para saírem depressa desta estrada. Eu disse isso ao Lotan. E eles dirigiram-se para Netivot. Mas pensamos que, no caminho, a polícia lhes terá dito para voltarem para

“Lotan era um espírito livre, um rapaz amante da natureza. Ele vivia mesmo no limite. Esteve dois meses em Portugal. Tinha cidadania portuguesa e queria mudar-se para lá. Ia à Nazaré surfar. Queria construir um hotel perto do mar”, recorda Hila.

trás e procurarem um abrigo. Este abrigo antiaéreo ao pé do *kibbutz* Be'ri foi o primeiro que viram. Entraram.” A amiga do Kfar Aza é Amit Soussana, sequestrada e levada para Gaza, mas já libertada.

Dos cerca de 220 reféns feitos durante a vaga de terror a que o Hamas chamou *Dilúvio de Al-Aqsa*, cerca de 80 continuam em Gaza, e mais de um terço deles estarão mortos. Naquele dia, o grupo islamita matou 1200 israelitas. A guerra que se seguiu terá causado a morte a mais de 47 mil palestinianos, e a destruição de grande parte das infraestruturas de Gaza.

O abrigo, agora pintado em tons de azul por fora, está cheio de ima-



gens dos muitos que ali morreram, afixadas por familiares e amigos. Pequenos autocolantes com fotos ou com frases em hebraico ou em inglês. *Just living my best life*, diz um dedicado a Eden Ben Rubi, uma artista de 23 anos, mostrada sorridente, com as longas tranças loiras. São inúmeros os autocolantes, às vezes repetidos.